



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
A revolução socialista e a construção de uma teoria da educação: as revoluções no interior da revolução			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
José Pereira de Sousa Sobrinho	Universidade Federal do Ceará	UFC	Aluno da pós-graduação
COAUTOR 2			
Andreyson Silva Mariano	Rede Estadual de Ensino Básico do Ceará		Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
O presente artigo tem como objetivo refletir a respeito da experiência histórica da Revolução Russa buscando desvendar em suas formulações teóricas e práticas a unidade com o método dialético de Marx, da qual deduz-se a necessidade de continuidade ao projeto de inacabado da psicologia histórico cultural como momento imanente da luta histórica pela superação da sociedade de classes e efetivação da transição socialista.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Revolução; método dialético; psicologia histórico-cultural			
ABSTRACT			
This article aims to reflect on the historical experience of the Russian Revolution seeking to unravel in their theoretical formulations and practical and its unity with Marx's dialectical method, which deduces itself the necessity of continuing of the unfinished project of cultural historical psychology as immanent moment of the historical struggle for the overcoming of class society and realization the of socialist transition.			
KEYWORDS			
Revolution; dialectical method; and cultural-historical psychology			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a formação humana			

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA E A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA DA EDUCAÇÃO: AS REVOLUÇÕES NO INTERIOR DA REVOLUÇÃO

José Pereira de Sousa Sobrinho¹

Andreyson Silva Mariano

Quais as perguntas que a Revolução de Outubro sugere a todo homem? Primeira: por que obteve êxito esta revolução? Ou, mais concretamente, por que a revolução proletária triunfou num dos países mais atrasados da Europa? Segunda questão: o que trouxe a Revolução de Outubro? E por último: concretizou-se o que dela se esperava? (LEON TROTSKY).

Introdução

De uma maneira afirmativa, no percurso da história contemporânea, não existe outro tema mais polêmico do que a Revolução Russa. Não há um paralelo histórico que se compare a Revolução Russa. Passados quase 96 anos de seus acontecimentos e ela ainda desperta o ódio da burguesia e sua intelectualidade. Muito se produziu sobre a Revolução Russa tentando mostrar seus impactos negativos para a humanidade. Seus detratores não descansaram. Nosso objetivo aqui é ir na contra corrente do pensamento burguês, e apresentar as lições trazidas pela Revolução para o desenvolvimento cultural do homem, mais especificamente, no terreno da pedagogia e psicologia que floresceu durante o processo revolucionário. Para se compreender a natureza essencial desse processo, precisamos fazer um apanhado histórico que busque relacionar-se e fundamentar-se com o que a Revolução Russa legou ao mundo: a possibilidade real de uma transformação social que permitiria a superação da exploração do homem pelo homem e, conseqüentemente, um avanço material e espiritual, científico e artístico, para a classe trabalhadora. Fator esse negado a maioria esmagadora dos produtores diretos, no sistema capitalista, ao longo de toda sua história.

No início do século XX, a Rússia era um dos países mais atrasados do mundo. Sua população era de algo em torno de 150 milhões de habitantes, repleta de contradições. No campo, prevalecia o regime semi-feudal, com a predominância das terras pertencentes ao clero, aos oficiais do exército czarista e a nobreza (boiardos), com 80% das terras; nas cidades havia a expansão das empresas estrangeiras, a burguesia russa era débil, colaborava com o absolutismo do Czar.

O regime absolutista do Czar Nicolau II, contava com a colaboração dessas classes que desfrutavam do parasitismo, luxo e esbanjamentos de uma nobreza czarista.

¹ Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutorando em Educação na mesma universidade. Pesquisador do ILAESE.

Na Rússia czarista, cerca de 80% da população pertencia ao campesinato, sendo esse país o celeiro da Europa, ou seja, com uma agricultura voltada para a exportação, enquanto a fome e a miséria eram a dura realidade enfrentada pelos camponeses e trabalhadores russos. No que toca ao proletariado russo, ele era um dos mais explorados do mundo: baixos salários, com uma jornada de mais de 14 horas diárias de trabalho, sem férias e sem aposentadoria, onde as greves, organizações partidárias e sindicatos eram duramente reprimidos. E em que todas as decisões políticas estavam sob a tutela do Czar.

Dentro de todas essas contradições, estava a completa dependência do Estado Absolutista para com os capitais estrangeiros e o processo de industrialização na Rússia, onde as duas cidades que se destacam nesse processo são: Moscou e Petrogrado. O proletariado e o campesinato eram explorados e não tinham liberdades de expressão, além de serem perseguidos pela Polícia Política Czarista.

Isso se refletia no plano cultural, onde apenas 1/5 da população sabia ler e escrever, cerca de 30 milhões do total de 150 milhões de habitantes. A Rússia czarista ainda tinha o “título” de prisão dos povos por oprimir em seu território dezenas de nacionalidades.

O ano de 1905 é decisivo para uma mudança na consciência da classe trabalhadora russa. Com a guerra russo-japonesa, de caráter imperialista, pela disputa das regiões coreana e da Manchúria, os trabalhadores fazem uma experiência negativa com o czarismo.

A guerra potencializa os níveis de miséria e exploração da classe trabalhadora (proletariado e campesinato). Diante disso, uma manifestação pacífica se dirige ao Palácio do Czar e é duramente reprimida. Mesmo com os manifestantes cantando o hino: “Deus salve o Czar”. Esse episódio ficou conhecido como Domingo Sangrento.

Os trabalhadores entraram em conflito direto com o czarismo, com greves que saíram apenas das pautas econômicas e entraram na pauta política de enfrentamento com o absolutismo. Os marinheiros do Encouraçado Pontenkin se destacam nesse confronto direto contra o Czar Nicolau II. Esse fato foi imortalizado, no que alguns consideram o maior filme da história, de autoria do cineasta russo Serguei Eisenstein.

O Czar, em meio aos protestos e a pressão social põe fim à guerra, com a Rússia humilhada e derrotada. E se compromete com a criação de uma monarquia constitucional e parlamentar. É formada uma Duma censitária, procurando por meio de reformas conter os protestos. O czarismo consegue ainda sanear o Estado por meio de empréstimos estrangeiros.

Ganhando tempo, o Czar Nicolau II espera o retorno de suas tropas da Ásia e reprime violentamente com prisões todos os opositores. A desilusão, as prisões e os exílios atingem em cheio a classe trabalhadora.

No entanto, essa experiência havia trazido elementos novos para a conjuntura social e política russa e para a consciência da classe trabalhadora.

Em 1905, haviam formado os sovietes (conselhos). Esses organismos de duplo poder eram compostos por camponeses, operários e soldados, exerciam a democracia operária (superior à democracia burguesa, por ser direta e aglutina mais pessoas na tomada das decisões, além de ser maior quantitativamente e ser realizada por aqueles que produzem a riqueza), com revogabilidade dos mandatos. Os sovietes ampliam a consciência da classe na tomada de decisões e, conseqüentemente, criam nas nossas a ideia de poder acreditar em suas próprias forças, na ação direta e na possibilidade de a classe trabalhadora poder governar o Estado Operário.

Essa experiência com o governo traz outros resultados. Se antes o povo reconhecia o Czar Nicolau II como “paizinho”, após essa repressão e a luta, eles o identificavam como o sanguinário Nicolau II.

As ilusões com o czarismo estavam de sólidas, desmanchando-se no ar revolucionário provocado pelo ensaio geral de 1905.

Com toda essa efervescência revolucionária, destaca-se toda uma gama de organizações políticas na Rússia czarista. As classes sociais, em meio às lutas diretas, buscam formas de atuação mais coesas, para as disputas pelos caminhos a serem dados às pessoas. Isso se expressa na defesa de programas políticos, ideias. Esses programas estão presentes e são elaborados para atender interesses de classe que se materializam em ações revolucionárias.

O principal partido dos trabalhadores russos era o PSODR (Partido Operário Social Democrata Russo)², que aglutinava duas tendências, quais sejam: Bolcheviques³ (maioria) e Mencheviques (minorias), que se dividiram em 1903.

A principal divergência entre os bolcheviques e mencheviques estava ligada a quem era realmente membro do partido, estes afirmavam que aqueles que se simpatizassem com as ideias do partido seriam seus membros e aqueles defendiam que o membro do partido era aquele que tinha atuação sistemática nos organismos partidários e aplicasse sua política de forma centralizada⁴.

² Outros partidos nesse período eram: Partido Kadete – de composição social burguesa e de caráter democrático-constitucionalista. Socialistas revolucionários (herdeiros dos Narodniks) – eram populistas. Os SR’s eram divididos em: de direita (aliados da burguesia liberal) e de esquerda (aproximaram-se dos bolcheviques).

³ Na obra *Que fazer?*, Lênin discutia que o proletariado, abandonado a sua própria sorte, nunca poderia conseguir formar uma consciência socialista por conta própria. Na sua forma mais avançada de consciência, o máximo que o proletariado conseguiria era perceber a necessidade de se criar sindicatos e fazer greves. Por esse fato, para Lênin, era necessário criar um partido político revolucionário e que nessa organização estariam os melhores elementos da classe trabalhadora e dos intelectuais de vanguarda do proletariado.

⁴ Outra importante diferenciação entre mencheviques e bolcheviques era que, para os mencheviques, a burguesia dirigiria a revolução e o proletariado seria coadjuvante, enquanto que, para os bolcheviques, a burguesia não assumiria o papel dirigente, por não expropriar os latifúndios. Os bolcheviques defendiam uma aliança entre o campesinato e o proletariado que dirigiam a revolução. Trotsky apontava apenas um elemento a mais nessa elaboração: que uma vez que

Essa disputa histórica marcou os destinos da Revolução Russa. A vitória do partido bolchevique foi uma condição que permitiu a construção de uma ferramenta que iria aplicar um programa com militantes profissionais da revolução. Aquele momento histórico demandava um instrumento sólido, conspirativo, disciplinado e ligado às massas. Esse partido se utilizava do materialismo histórico e dialético para fundamentar sua política. Foi um partido repleto de ricas polêmicas com total liberdade para os debates internos que aplicava a política decidida pela maioria e com constantes balanços na aplicação da mesma. Seu regime interno era o centralismo democrático.

As críticas dirigidas ao modelo de partido bolchevique passaram pela prova da história, sem o partido bolchevique, a Revolução Russa dificilmente seria o marco histórico que foi.

Feita essa importante observação sobre o partido bolchevique e sua importância para a Revolução Russa, passemos a outro ponto, qual seja: o da própria Revolução, que viveu dois momentos revolucionários: o primeiro foi a Revolução de Fevereiro e o segundo foi a Revolução de Outubro, no ano de 1917.

A Primeira Guerra Mundial⁵ (1914-1918) leva a Rússia a uma catástrofe social e econômica. As massas já insatisfeitas com o czarismo passam a adotar uma oposição sistemática até a derrubada do Czar. Nesse sentido, foi instaurado o governo provisório de Kerenski, que prometeu retirar a Rússia da guerra, alimentação e distribuição de terras. O não cumprimento desses pontos leva as massas a se chocar contra o governo provisório.

Em meio a isso, Lênin lança as teses de abril com a plataforma: paz, terra e pão. E lançava também a palavra de ordem: “Todo poder aos soviets!”. Começam a se formar destacamentos armados dos trabalhadores. Em junho de 1917, ocorrem as “jornadas de julho”, onde meio milhão de trabalhadores se manifesta contra o governo provisório.

O governo provisório de Kerenski persegue os bolcheviques e decreta a prisão de Lênin. Em agosto de 1917, ocorre uma tentativa de contra-revolução promovida pelo general Kornilov, com o objetivo de restaurar o czarismo.

Os bolcheviques lutam contra Kornilov e denunciam o governo de Kerenski por não atender os anseios das massas. Dessa forma, chega ao fim a Revolução democrático-burguesa de fevereiro, estendendo seu elo ao novo, qual seja: a Revolução de Outubro.

o proletariado estivesse no poder, ele levaria a revolução até a ditadura do proletariado. No mês de abril de 1917, por caminhos diferentes, Lênin chega a mesma conclusão de Trotsky, este agora bolchevique e não mais independente de bolcheviques e mencheviques.

⁵ É importante mencionar que com a 1ª Guerra Mundial, a social-democracia na Alemanha e em outros países aprova os créditos de guerra, caindo no nacional-chauvinismo dos imperialismos burgueses e arrastando a classe trabalhadora ao seu extermínio na guerra imperialista burguesa. Esse processo recebeu o nome de: a falência da II Internacional. Daí em diante, a tarefa dos revolucionários passou a ser fundar e consolidar a III Internacional.

Em outubro de 1917, os bolcheviques já são maioria nos soviets e as massas já não alimentavam esperanças nos regimes czaristas e democrático-burguês. Passaram a acreditar em suas forças e viam a possibilidade clara da classe trabalhadora governar o Estado.

Forma-se o Comitê Revolucionário do Soviete de Pretrogado. E os principais pontos estratégicos foram tomados: estação ferroviária, centrais telefônicas, telégrafos, palácio do governo.

É consolidada a plataforma Paz, Terra e Pão. No entanto, a contra-revolução se instala. E a guerra civil⁶ de (1918-1921) irá destruir ainda mais as forças produtivas na Rússia. A luta foi entre russos brancos e mais 14 nações estrangeiras contra os russos vermelhos. Os russos brancos defendiam a volta do czarismo.

A vitória dos bolcheviques contou com uma série de fatores: exército vermelho⁷, solidariedade internacional⁸, sacrifício e disposição das massas. Contudo, as derrotas de revoluções em outros países: Alemanha, Hungria e Itália. O saldo da guerra civil deixou uma Rússia arrasada com: plantações destruídas, economia paralisada, milhares de mortos, uma epidemia de tifo, fome com relatos inclusive de casos de canibalismo.

A instauração da Nova Política Econômica, conhecida como NEP, abria a economia russa para as pequenas empresas, mas deixava o grosso da indústria sob o controle do Estado. A derrota da Revolução Alemã sela o destino da internacionalização da revolução. A morte de Lênin, em 1924, deixa uma luta entre o legado de Lênin, defendido por Trotsky e a contra-revolução defendida por Stálin⁹, isso se expressava em dois projetos para a revolução: 1) revolução permanente; 2) revolução em um só país¹⁰.

⁶ A Guerra civil trouxe restrições às liberdades. Mas foi o stalinismo que transformou as restrições às liberdades como algo permanente.

⁷ O exército vermelho foi mobilizado no período da guerra civil (1918-1922) e comandado por Trotsky, tendo as seguintes características: forte mobilidade, ações centralizadas, internacionalismo, alistamento de entusiastas da revolução, alistamento obrigatório em caráter experimental nos centros operários e depois com os camponeses pobres e contou com a solidariedade internacional.

⁸ A solidariedade internacional diz respeito a diversas greves ocorridas nos EUA e na França, onde os trabalhadores se recusavam a carregar os navios para a guerra contra o Estado Operário Russo. O campesinato russo também teve um papel de destaque por temer que a derrota dos bolcheviques causasse a devolução de suas terras feita durante a Revolução de Outubro.

⁹ Alguns elementos para a vitória da contra-revolução stalinista sobre o Estado Operário, levando-o ao processo de degeneração e a retrocessos culturais, podem ser assim sintetizados: 1) a morte de mais de 3 milhões de operários com as guerras; 2) a base de composição social operária e com experiência revolucionária se esvaziou dentro do partido bolchevique; 3) os soviets deixaram de funcionar com regularidade; 4) o carreirismo no partido; 5) a derrota da revolução no plano internacional; 6) a destruição intensa das forças produtivas na Rússia; 7) o cansaço do proletariado; 8) a eliminação física dos principais dirigentes bolcheviques realizada pelo stalinismo; 9) as prisões, deportações, calúnias e expurgos stalinistas, desmoralizando a revolução e o seu legado; 10) a teoria do socialismo em um só país e suas variantes políticas em frentes populares, esquerdismo, sectarismo, centrismo, oportunismo e colaboração de classes, aliados ao pedido das nações imperialistas à Stálin de dissolver a III Internacional, pós-II Guerra Mundial, que foi prontamente atendido pelo mesmo.

¹⁰ Aqui segue o exemplo de Trotsky para os nossos dias: “É revolução permanente ou massacre permanente!”.

Após a morte de Lênin, Stálin passa a dar continuidade ao processo de burocratização do Estado Operário¹¹, fato que resultou ao longo dos anos em um conjunto de derrotas e políticas de colaboração de classe com a burguesia internacional. Seu resultado foi a restauração capitalista na URSS no final dos anos 80 e início dos anos 90 do século passado.

Diante desse panorama histórico, destacamos alguns pontos que o processo revolucionário russo deixa como legado para se pensar uma revolução que possibilite o desenvolvimento cultural das massas:

- 1) Somente uma revolução da classe trabalhadora, de matriz socialista, pode ampliar o desenvolvimento cultural das massas e posteriormente da humanidade.
- 2) Para essa revolução ser vitoriosa social, política e economicamente, ela precisa ser internacional. Ou seja, destruir o capitalismo internacionalmente.
- 3) No processo revolucionário é preciso expropriar a burguesia e colocar a produção e o Estado sob o controle dos trabalhadores.
- 4) A planificação econômica se coloca como uma tarefa que se interliga ao desenvolvimento cultural, juntamente com o não predomínio da lei do valor, a expropriação da burguesia¹² e o monopólio estatal do comércio exterior. Esses fatores conseguiram fazer com a Rússia revolucionária conseguisse obter, como um país atrasado, o que nenhum outro capitalista obteve em toda a sua história – o controle do Estado operário pela classe trabalhadora.
- 5) A construção de um partido marxista revolucionário da classe trabalhadora que tenha como princípio o internacionalismo operário.
- 6) O método marxista como o principal referencial de compreensão do mundo histórico-social.

Isso repercute nos diversos âmbitos da vida social, como Toledo (2007, p.105) explicita:

No terreno da cultura, a Revolução Russa significou um avanço sem precedentes, não apenas para o povo russo, mas para toda humanidade. O mundo da arte e da cultura passou a ser outro depois de outubro de 1917; as distintas escolas estéticas, tudo o que envolve o campo da educação e da pedagogia, o complexo universo da ciência e do conhecimento humano, nada ficou impune depois que a classe operária russa tomou o poder, expropriou a burguesia e começou a construir uma nova sociedade. Tudo o que havia sido feito até então entrou em crise, mas não numa crise negativa, de destruição; pelo contrário, foi uma crise positiva e otimista quanto às possibilidades criadoras do homem, já que um novo mundo de possibilidades se abria para os artistas, para os cientistas, os educadores, enfim,

¹¹ Para Trotsky, a burocracia era uma casta parasitária do Estado Operário. Já Marx, na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* destaca que: “A burocracia tem em suas mãos a essência do Estado, a vida espiritual da sociedade, como sua propriedade privada. O espírito universal da burocracia é o segredo, o mistério, que ela assegura internamente pela hierarquia e contra grupos externos pelo seu caráter de corporações fechadas”.

¹² A expropriação da burguesia na Rússia, com a Revolução de Outubro, permitiu a URSS produzir nos patamares dos EUA e duas vezes mais que a China capitalista.

para todos os que dispunham a colocar suas capacidades intelectuais e seu talento a serviço do avanço da humanidade.

A criação do Comissariado do Povo para a Educação (Narkomprós), responsável por cuidar das escolas fundamentais, das universidades, pesquisas, bibliotecas e todos os outros meios de cultura, foi uma política consciente dos revolucionários que buscava combater as mazelas capitalistas, czaristas, aristocráticas, no plano cultural¹³ e sua apropriação individual e privada. Conforme Toledo (2007, p.106),

Lênin, em particular, demonstrou inúmeras vezes sua obsessão por tornar acessível às amplas massas todo o vasto campo dos conhecimentos humanos, porque via neles um esteio fundamental para a construção do socialismo por meio da formação do proletariado. Nesse primeiro momento do estado operário, era urgente a organização do proletariado e sua participação no governo; e nesse sentido, a democratização da cultura e da educação eram imprescindíveis, fundamentais para o proletariado assumir as imensas tarefas que tinha pela frente.

De acordo com Toledo (2007), o ponto central da política cultural dos revolucionários, a partir de Lênin, era “no mais absoluto respeito à criação artística, intelectual e científica. A orientação do partido bolchevique era a defesa da mais absoluta liberdade¹⁴, sem qualquer ingerência política nesses assuntos”.

No entanto, devemos ressaltar que não se pode idealizar a Revolução Russa como um “reino perfeito dos trabalhadores”. A destruição das forças produtivas na Rússia, causada pelas guerras mundial e civil, trouxe impactos dos mais vastos no campo cultural:

Mas certamente a arte [cultura em geral] só pode ter um desenvolvimento pleno, de fato, e não de palavra, com uma economia desenvolvida. No reino da necessidade, em meio à miséria e à penúria mais absolutas, nenhuma arte [cultura em geral] verdadeiramente livre, a qual todo povo tenha acesso, que possa ser exercida e usufruída por todos sem a trava da divisão entre trabalho manual e intelectual, pode encontrar espaço e oxigênio para respirar. (TOLEDO, 2007, p.107 – acréscimo nosso).

Daí ser fundamental a expansão da revolução em nível internacional, onde as forças produtivas se ampliem sob o controle dos produtores livremente associados e se irradiem no desenvolvimento cultural mais pleno para a humanidade.

¹³ Segundo Trotsky, no plano cultural se pode claramente ter valores culturais nacionais. Porém, as tarefas econômicas colocadas para a classe trabalhadora são internacionais.

¹⁴ Nos sete primeiros anos da Revolução todos os aspectos sociais e políticos eram debatidos com os trabalhadores.

A Revolução Russa em seus primeiros anos deixou um legado no terreno educativo sem igual. Toledo (2007, 108) afirma que

No campo da educação está uma das maiores conquistas da revolução: a erradicação do analfabetismo em poucos anos, num país de enormes dimensões e com uma população dispersa por inúmeras regiões, falando diferentes dialetos. Mas a revolução não para por aí. A intensa atividade revolucionária, nos inícios do Estado operário, acarretou inúmeras tarefas práticas, as quais se devotaram ardorosamente cientistas, educadores, pensadores de todas as áreas do conhecimento. A atividade revolucionária em si mesma, a aplicação do método marxista e o apoio material por parte do Estado Operário foram impulsos imprescindíveis para que a cultura na Rússia desse um salto adiante. Também colaborava a nova consciência que começava a tomar corpo com a construção do socialismo. A arte, a ciência e todos os frutos do conhecimento humano haviam deixado de ser mercadoria para deleite e enriquecimento da elite, e passava a assumir uma missão mais nobre e grandiosa, a de estar a serviço do desenvolvimento de toda a humanidade.

Como visto anteriormente, a Rússia antes da Revolução era um país agrário, feudal, czarista e com áreas industriais pertencentes à burguesia estrangeira e o proletariado, juntamente com o campesinato, vivendo na mais absoluta miséria econômica, social e cultural.

A Revolução Russa trouxe avanços incríveis a um país imerso no sistema capitalista, em meio ao desenvolvimento desigual e combinado em várias áreas da cultura humana. Dentre elas, a Pedagogia e a Psicologia.

De um país submerso em séculos de obscurantismo e analfabetismo, a Rússia em poucos anos passou a ser um referencial para o mundo em matéria de cultura, em todos os campos. Nas áreas da Pedagogia, Psicologia e estudos da linguagem, as escolas russas fizeram descobertas revolucionárias que hoje fazem parte dos programas de estudo das mais importantes universidades do mundo inteiro. Dos anos 1920 até hoje, a psicologia soviética influencia o curso histórico da psicologia como ciência humana. (TOLEDO, 2007, p.109).

O vigor revolucionário, aliado a dedicação na construção de uma nova sociedade, impulsionou Lev Vigotski, que foi peça fundamental na reestruturação do Instituto de Psicologia de Moscou. Alexander Luria e Alexei Leontiev foram outros brilhantes pesquisadores que, juntamente com Vigotski, formam uma tríade de pesquisadores que dedicam suas vidas a reformular a psicologia a partir do método marxista. A Revolução havia libertado toda uma geração mais jovem para o debate de novas ideias, filosofias, estudos, sistemas sociais. Com o arsenal teórico do método marxista, esses pesquisadores colocaram a psicologia que estava de cabeça para baixo, sob seus próprios pés, ao estabelecer a importância e o papel histórico-social das funções psicológicas superiores. Apoiados no método marxista, demonstram a complexidade estrutural humana e suas derivações processuais advindas da história individual e social. (TOLEDO, 2007).

Esse processo iniciado em 1917 necessariamente implicou em profundas comoções no plano da consciência social. Isso deve ser reconhecido, qualquer que seja a posição política adotada acerca desse movimento. A exemplo, podemos citar os movimentos transformadores na poesia, no teatro, no cinema, na pintura, etc. (SHUARE, 1990).

Não diferente, o reflexo científico da realidade, em particular as ciências humanas, também entrou nesse processo. Assim, o breve relato do processo revolucionário de Outubro faz-se diante da necessidade de localizarmos historicamente a produção de Vigotski e de suas teorias no campo da psicologia histórico-cultural em um processo histórico específico. Portanto, a localização espaço-temporal deste autor não é apenas uma simples referência, mas trata-se de peça fundamental para a compreensão de sua obra, já que o espírito da Revolução de Outubro também adquire forma nos escritos da psicologia soviética de base marxista.

No entanto, essa forma revolucionária da psicologia soviética não se faz pronta ao final dos processos de outubro, nem em sua forma puramente intelectual. Pelo contrário, o seu processo de produção é resultado de intensas pesquisas e estudos coletivos, os quais não poderiam existir sem um sistema metodológico que os guiasse. Portanto, antes de nos determos minimamente ao seu processo de produção, nos ocuparemos em analisar o método do materialismo histórico-dialético como uma ferramenta fundamental para a construção da psicologia histórico-cultural.

Sem a Revolução Russa e sem o método marxista, essas contribuições não seriam realizadas. Já discutimos a Revolução Russa e seus desdobramentos no plano cultural, agora passemos ao método marxista e suas implicações com a psicologia soviética.

A Psicologia Histórico-Cultural e o método dialético: a necessidade histórica da negação do real

Já vimos que a necessidade de localizar Vigotski e sua produção no plano histórico-espacial não termina com a contextualização da Revolução Russa realizada no tópico anterior. Nossa tarefa apenas estará completa quando efetivarmos uma análise sobre os fundamentos metodológicos que guiaram a produção teórica do citado autor no campo das ciências psicológicas.

Para tanto, devemos nos deter sobre a análise do método dialético que tanto guiou as análises da realidade formuladas no âmbito do Partido Operário Social-Democrata Russo – em especial, a fração dos bolcheviques – em sua ação revolucionária que o levou à tomada do poder, assim como a produção teórica em vários campos científicos após a revolução de outubro.

Todavia, especialmente, a inferência do método materialista histórico-dialético adquiriu destaque no âmbito da organização do movimento operário quando observamos a análise de Lênin (1988, p. 19), no que se refere à luta socialista: “Engels reconhece na grande luta da social-

democracia não apenas duas formas (política e econômica) – como se faz entre nós – mas três, colocando a luta teórica no mesmo plano”.

O caráter de interdependência entre as diversas esferas da luta socialista expressa a precisa aplicação do método dialético enquanto instrumento para entender e agir sobre a realidade. O acerto dessas reflexões está confirmado pelos eventos de outubro, nos quais o movimento revolucionário impõe uma transformação radical do modelo de organização da vida no seio da Rússia feudal, evento esse que nos remete ao entendimento de que uma profunda transformação material da sociedade sempre carrega em si uma conseqüente transformação das relações sociais e das consciências individuais. Essa premissa está expressa na história dos diversos movimentos revolucionários que antecederam a Revolução Russa, e o mérito da análise marxiana está em apreender essa lição da realidade, conforme percebemos nas próprias palavras de Marx:

A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente toda a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam a consciência deste conflito, levando-o às suas últimas conseqüências (MARX, 1983, p. 25).

A partir da reflexão de Marx, daquilo que ele chama de “formas ideológicas”, desenha-se uma convergência com a afirmação anterior de Engels, citado por Lênin quando este se refere à luta teórica. Desta convergência, começa a ganhar forma diante de nossa análise a tarefa histórica posta em prática por Vigotski e aqueles que, ao seu lado, empreenderam o esforço de produzir os preceitos teóricos da chamada psicologia histórico-cultural.

A citada produção trata-se exatamente de dar continuidade aos conflitos ideológicos que se desenvolviam no âmbito da Rússia revolucionária. Esses conflitos objetivaram-se em âmbito mais geral no seio da sociedade, ou seja, em suas transformações estruturais e, decorrentemente, em suas formas específicas de expressão, em sua superestrutura, qual seja educação, arte, cultura, ciência.

Sobre as formas específicas de transformação superestrutural, podemos apontar a luta teórica no campo das ciências em geral, que tinha como principal tarefa desenvolver – a partir da base científica do método materialista histórico-dialético – uma série de novas formulações. Estas, ao mesmo tempo em que imprimiam forma à luta de classes, impulsionavam o processo de transição que se efetivava na exata construção deste novo modelo social de organização da vida.

Portanto, as produções no campo da luta teórica da psicologia não estavam dissociadas das demais lutas sociais que se desenhavam na Rússia pós-revolução, que visavam à consolidação de uma nova ordem econômica e política. Esta luta teórica estava diretamente vinculada à necessidade de desenvolver uma nova concepção de ciência da psicologia. De acordo com Shuare (1990, p. 26,

tradução nossa), os “primeiros anos da psicologia soviética é a história das tentativas por dar à psicologia o *status* de uma ciência verdadeira, cujos princípios metodológicos deviam derivar-se naturalmente dos postulados do materialismo dialético e histórico”.

Ademais, para além de entendermos as tarefas objetivas e subjetivas com as quais a psicologia histórico-cultural se confrontava, precisamos entender sobre quais condições objetivas essas lutas foram realizadas. Novamente a história dos processos revolucionários ensina-nos que esses contextos específicos são marcados por uma intensa instabilidade na vida social. Marx (1983, p. 206) apresenta-nos este fato da seguinte forma:

Quando as condições sociais correspondentes a um estágio determinado da produção estão ainda em vias de formação ou quando, pelo contrário, estão já em vias de desaparecer, produzem-se naturalmente perturbações na produção, ainda que de grau e efeito variáveis.

A análise marxiana nos oferece elementos para entendermos as condições objetivas sobre as quais se efetivou o conflito teórico no campo da psicologia soviética, já que, na Rússia revolucionária, encontramos um contexto onde a sociedade anterior, capitalista, ainda se encontrava em via de desaparecer ao mesmo momento em que se ansiava pela formação objetiva de uma nova sociedade, a saber, o modelo socialista de sociedade¹⁵.

Essa reflexão nos apresenta a base objetiva das produções teóricas da psicologia soviética. Todavia, resta-nos acrescentar que a realidade nunca é estática e, portanto, a análise da mesma não pode ser efetivada sobre categorias estanques, mas o que queremos sublinhar é que o caráter específico de um período revolucionário nos impõe a necessidade de entender a realidade estudada como marcada pelo movimento da realidade repleto de instabilidade, o que significa dizer que o movimento da realidade social é marcado por transformações ainda mais rápidas e intensas. Essa instabilidade está marcada pelas tarefas impostas aos socialistas russos após a Revolução de Outubro, quando estes deveriam intervir em uma realidade essencialmente transitória, com a exata função de ofertar continuidade a esse processo, no qual não só o modelo de propriedade deveria ser radicalmente transformado, mas também toda forma de organização da vida nas esferas da educação, da saúde, da cultura, e, em especial, o modelo de organização da produção.

A compreensão dessa singularidade da então Rússia socialista já expressa o método dialético em ação, visto que o mesmo toma sempre o “real, o concreto” como o ponto de partida. Diante dessa perspectiva metodológica, tomamos o nosso primeiro contato com a realidade, que nos oferece uma

¹⁵ Essas questões são complementadas quando refletimos sobre a situação específica da Rússia ainda de caráter econômico feudal, dizimada por duas guerras, uma imperialista e outra civil.

[...] visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples. (MARX, 1983, p. 218).

O processo de análise, portanto, parte sempre da concretude material, da realidade concreta, e o “concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (MARX, 1983, p. 218). A continuidade do processo de análise está expressa ao se chegar às determinações mais simples, o que só pode ser feito ao isolar, no campo do ideal, os diversos fenômenos sociais e analisar, de forma singular, os diversos determinantes – suas relações de unidade na diversidade, onde esses diversos determinantes agem sobre o mesmo complexo. Assim sendo, o movimento da realidade oferece conteúdo e forma ao complexo, a coisa em si, o que significa dizer que os diversos determinantes encontram a sua unidade na substância do complexo, no conteúdo interno da coisa. A investigação desse complexo é, portanto, um exercício de abstração, mas uma abstração que parte sempre da realidade concreta de onde se inicia a observação, uma abstração do real, e não pura abstração. É por isso que o concreto é

[...] para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstrata; pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento. (MARX, 1983, p. 219).

Portanto, a abstração do real, das “determinações mais simples”, é efetivada enquanto uma síntese na qual os complexos são expostos em sua materialidade histórica, onde seu conteúdo interno é decifrado. Esse processo se dá no campo do ideal, no qual é efetivada uma representação do real, um reflexo do real. No movimento de análise, o complexo é isolado no campo do pensamento para que a sua “unidade na diversidade” possa ser apreendida e exposta, em suas múltiplas determinações. Nesse sentido, cada determinação representa uma unidade diversa, e o conteúdo total da coisa apenas pode ser exposto ao ser desmembrado da coisa. Esse exercício refere-se a uma “determinação abstrata”.

Contudo, não se trata de oferecer, através da atividade do ideal, um suposto conteúdo à coisa, mas, apenas, de apreender o conteúdo que já lhe pertence, compreender o seu movimento efetivo, o que significa apreender o real, compreender o seu conteúdo que é sempre histórico e social. Portanto, o método dialético que inicia na observação do real tem sua continuidade ao elevar-se do abstrato ao concreto, que “é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de reproduzi-lo como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto” (MARX, 1983, p. 219).

O concreto espiritual é agora o resultado do processo de análise, produto do movimento da análise dialética, que se inicia na observação de um todo caótico, desenvolve-se para a apreensão de determinações simples isoladas, e finalmente, retorna à realidade, ao conceber o movimento do real e reconstruí-lo enquanto um espelhamento, onde a compreensão do movimento e das mediações das diversas determinações simples permite-nos decifrar a totalidade concreta como “uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas” (MARX, 1983, p. 218).

A exposição do método de análise estará completa quando compreendermos que, em sua essência, está expressa uma doutrina básica, a qual Marx expôs como a décima primeira Tese de Feuerbach, onde nega os métodos filosóficos existentes enquanto métodos essencialmente idealistas para, em seguida, afirmar o método materialista histórico-dialético como uma filosofia da práxis. Assim ele escreve: “os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 2007, p. 539).

Portanto, o método dialético surge não como a simples pretensão de compreender o real, mas trata-se de compreendê-lo justamente para transformá-lo, o que confirma que nosso método de análise não se resume a um processo puramente idealista, já que a referida transformação do real não se dá no campo das ideias, mas trata-se exatamente de impor às ideias uma força material ao colocá-las em movimento. Essa premissa é confirmada quando observamos que o objeto real conserva, durante o processo de análise, “a sua independência fora do espírito; e isso durante o tempo em que o espírito tiver uma atividade meramente especulativa, meramente teórica” (MARX, 1983, p. 219). Marx, com essas palavras, denuncia que o retorno à realidade apenas está completo quando, da análise do real, do “concreto espiritual ou da atividade especulativa”, o ser social parte para a intervenção na realidade com o objetivo de transformá-la.

Além disso, a aplicação do método é sempre um processo teleológico em que as causalidades postas, os nexos causais e as mediações de segunda ordem são analisados com o propósito de realização de uma determinada finalidade. Essa finalidade é a transformação do real, que possui como mediação as lutas políticas, econômicas e teóricas que dão resultado – como afirmou Marx – nas alterações materiais e ideológicas de um contexto histórico específico.

A Revolução de Outubro e a psicologia soviética: a revolução no interior da revolução

A exposição do método dialético nos fornece elementos para compreendermos a origem do desenvolvimento das teorias no campo da psicologia histórico-cultural, ao qual Vigotski aparece como um dos seus maiores expoentes. Por outro lado, a própria aplicação do método oferece os demais elementos necessários para a análise do objeto deste trabalho. Coerente ao método que ensina que se deve entender a realidade sempre partindo da realidade concreta, iniciamos nossa

análise compreendendo a realidade concreta da revolução russa, a partir da qual podemos entendê-la como uma realidade essencialmente transitória.

Desta afirmação, podemos compreender que as tarefas assumidas em torno da produção teórica no campo da psicologia histórico-cultural são um movimento tático que se submete à estratégia final, ou seja, à finalidade de construção do projeto histórico socialista. Portanto, podemos afirmar que a produção da psicologia soviética marxista é, na verdade, parte da luta social travada na Rússia revolucionária, a luta teórica que está em direta interdependência com a luta econômica e política no interior deste modelo social.

Como já anunciado, a efetivação dessa luta mais geral do processo transitório tem suas repercussões nos embates mais específicos no seio da sociedade soviética, sejam estes no campo da educação, do processo de produção material da vida, no campo da saúde em si, etc. Um conjunto de tarefas práticas estava colocado diante de toda a sociedade nascente. Contudo, não se tratava de uma tarefa puramente prática de reconstruir tudo o que havia sido destruído pelas duas guerras e pelo processo revolucionário em si.

Tratava-se, outrossim, de reconstruir a sociedade sobre um novo alicerce intelectual e cultural, portanto, de atender a um conjunto de tarefas práticas, mas que apenas poderiam ser efetivadas com a devida adaptação das ciências a essas tarefas. Essa adequação, por sua vez, apenas seria efetivada com a reconstrução das ciências em seus diversos campos, que, para atenderem aos interesses essencialmente sociais desta nova sociedade, deveriam ser erigidas sobre as bases do método materialista histórico-dialético. O desenvolvimento da psicologia histórico-cultural, portanto, estava diretamente determinado pelas transformações realizadas na sociedade como um todo. Como bem expressa A. Smirnov citado por Shuare (1990, p. 25 – tradução nossa), o seu desenvolvimento não estava dissociado das condições históricas, pois

[...] a ciência psicológica da jovem Rússia soviética deu seus primeiros passos na investigação de questões práticas que a construção de uma vida nova levantada ante ela. As possibilidades que se abriram ante a psicologia já neste período, no plano da utilização de suas realizações com a finalidade de resolver tarefas práticas, testemunhavam a necessidade de seu amplo desenvolvimento adicional.

As transformações efetivadas no campo das ciências psicológicas estão expressas no próprio elemento desencadeador de seu desenvolvimento, qual seja, as tarefas práticas citadas por Smirnov: a tarefa de construção de um novo homem e de uma nova sociedade. É este movimento, segundo Shuare (1990), que oferta um novo caráter à psicologia ao tirar-lhe dos marcos acadêmicos tradicionais, desvinculá-la das falsas concepções de neutralidade e de suas constantes investigações em laboratórios, impondo-a a tarefa de dar respostas às necessidades reais da sociedade, o que já

expressa a própria aplicabilidade do método dialético, quando este impõe à psicologia a ação de intervenção direta nos problemas práticos da sociedade.

Contudo, as respostas práticas a essas tarefas apenas poderiam ser efetivadas com o consequente desenvolvimento da psicologia em seus diversos campos de análise, associada ao método dialético. Shuare (1990, p. 26 – tradução nossa) afirma que essa luta teórica no interior da psicologia efetivou-se diante da

[...] reflexão teórica sobre a natureza do psíquico, a investigação da essência da psique humana, o problema do objeto da psicologia e de seus métodos. Eis aqui o terreno no qual desenvolveu-se uma tenaz luta de ideias e com base nas quais a psicologia soviética fez sua revolução.

A realidade expressa na análise de Shuare demonstra que o desenvolvimento da psicologia soviética apenas se deu diante uma intensa luta – que nada mais foi do que uma expressão da luta de classes – luta essa que adquire formas extremas no interior de um processo revolucionário. Esse fato deixa-nos claro que a luta pela transformação ideológica e material da sociedade não terminou com a Revolução de Outubro, mas esta é apenas o seu início, e a continuidade de seu processo transitório estava na dependência direta da conquista de diversas revoluções no interior da revolução que deveriam transformar radicalmente a vida social em seus diversos espaços de organização.

No entanto, essa luta teórica no campo da psicologia – assim como o processo revolucionário de outubro que tinha as suas diversas correntes políticas – realizava-se através do embate das diversas correntes filosóficas e teóricas no interior da psicologia. Shuare oferta-nos em sua obra um resumo de três vertentes no campo da psicologia que se expressavam nos primeiros anos da revolução russa:

1) a defesa da psicologia tradicional (Subjetivista, Empirista), em especial, em sua linha experimental, que tinha um desenvolvimento considerável no país; 2) a Prolongação da tradição científico-natural da fisiologia, que tinha alcançado não com poucos êxitos no estudo do cérebro e do sistema nervoso em geral e que pretendia converter-se em modelo para a psicologia e, inclusive, substituir; 3) as tentativas de criar novas concepções sobre a base do marxismo. De uma maneira também esquemática assinalamos algumas das principais conseqüências que caracterizam esta primeira etapa: a) a aparição de um “novo” objeto de estudo da psicologia, o comportamento, mas entendido de maneira diferente que no comportamentalismo norte-americano; b) a pretensão de reduzir o psiquismo, a manifestação subjetiva dos processos nervosos e, em geral, distintas interpretações materialistas reducionistas; c) diferentes propostas nas que se pretende incorporar postulados do marxismo à psicologia. (SHUARE, 1990, p. 27 – tradução nossa).

Da disputa expressa entre essas diversas correntes, onde se delineia uma guerrilha intelectual no seio da Revolução Russa, interessa-nos destacar as disputas em torno da apropriação do método marxista e sua incorporação como meio de produção de uma nova concepção da psicologia.

Contudo, o processo de incorporação do método expresso na filosofia marxiana propaga uma apropriação equivocada do método dialético, pois o processo de produção teórica desconhecia as diferentes especificidades entre filosofia e ciência. Portanto, está claro que os embates teóricos no campo da Revolução Russa foram além das disputas com as correntes empiristas ou fisiológicas. Mas esta luta deu-se, também, entre marxistas filiados às diversas correntes, os quais buscavam apropriar-se do método dialético em suas pesquisas científicas.

Entretanto, como nos relata Shuare (1990), quando essas tentativas se reduzem a uma aplicação automática do método, pautada na simples repetição dos postulados filosóficos – esquecendo-se que a filosofia não pode ser automaticamente aplicada na pesquisa científica. O resultado, por isso, tem sido impreterivelmente marcado por um intenso ecletismo, por posições reducionistas ou pela repetição dogmática de certos princípios que perderam assim o seu valor.

A compreensão das lutas ideológicas no interior das ciências da psicologia em nosso processo de exposição faz-se como a própria exposição do processo de constituição da psicologia soviética, já que a revolução realizada no interior da psicologia é produto dessa luta ideológica em torno da própria apropriação do marxismo e suas repercussões no campo da produção da psicologia socialista. Esta revolução – como nos ensina Shuare (1990) – não pode ser compreendida como fruto de uma iluminação coletiva instantânea, mas referida conquista apenas pode ser entendida no movimento contraditório da realidade e de suas lutas cotidianas, o que nos permite afirmar que essa revolução é fruto

[...] de um áspero (às vezes, implacável e injusto) e prolongado enfrentamento de concepções, interpretações, esquemas, cujos extremos (mecanicismo-dialética; idealismo-materialismo), atuando como pólos magnéticos, atraíram aos cientistas da época, fazendo-lhes perder, por momentos, a bússola orientadora, porém, afinal de contas, levou-os a encontrar a base a partir da qual formular as proposições fundamentais para a criação de uma nova psicologia. (SHUARE, 1990, p. 26 – tradução nossa).

O entendimento que o desenvolvimento da psicologia histórico-cultural somente pode ser compreendida no movimento contraditório da realidade coloca-nos diante de mais um elemento do método materialista histórico-dialético, o qual advoga que, nas múltiplas determinações do concreto, está expressa a unidade na contradição. Sobre essa questão recorreremos novamente a Shuare (1990, p. 18 – tradução nossa) quando esta afirma que a

[...] a fonte do desenvolvimento do objeto (não apenas quantitativa, mas qualitativa) é a unidade e luta dos contrários. O desenvolvimento em forma de saltos, a interrupção da continuidade, a passagem da quantidade para a qualidade se revelam através do conceito de movimento interno, conversão, formação; a fonte do desenvolvimento deve buscar dentro do próprio objeto.

Portanto, a própria psicologia histórico-cultural é produto do movimento de negação das vertentes tradicionais ou biológicas do campo das ciências da psicologia, movimento esse que tem sua continuidade no processo de negação da negação, expresso no embate com as vertentes dogmáticas ou incorporações mecanicistas do método dialético no seio das produções no campo da psicologia. Todo esse movimento é resultado e resultante da própria luta de classes, na qual a expressão maior do processo de negação do existente está exposta no movimento revolucionário de outubro.

Considerações finais

O contexto de disputas no interior do qual se desenvolve a psicologia histórico-cultural é um dos determinantes do processo de constituição da psicologia soviética. Assim como essa teoria em movimento determina ao atender as questões exigidas pelas tarefas práticas da realidade adquire a forma de força material em movimento e determina o real. Transforma realidade, o que exige uma nova formulação teórica da qual deve emergir as novas repostas para as questões postas pelo real. Do que podemos afirmar que a psicologia histórico-cultural é uma síntese das múltiplas determinações que se efetivam em torno das lutas teóricas, políticas e econômicas no contexto de construção da transição socialista.

Devemos apontar, ainda, que o fato de afirmarmos a psicologia histórico-cultural como produto, síntese, deste movimento de luta – teórica, política e econômica – não deve ser confundido com a ideia de que o nosso objeto de análise é um produto acabado e finalizado. No método dialético, os objetos de estudo nunca estão prontos e acabados, porque justamente a realidade não é estática, ou esta nunca chega ao momento em que ela mesma se encontre pronta e acabada. Portanto, não podemos tomar nenhum dos elementos que a compõem como acabados, pois a sociedade e o ser social, enquanto entes históricos, nunca serão seres acabados.

Portanto, especialmente sobre a psicologia histórico-cultural, podemos concluir que ela surgiu com um propósito político bem definido: fazer avançar o processo de transição para a sociedade comunista e a construção do homem socialista. Por diversos elementos da realidade, esse objetivo não pode ser alcançado. Tal fato não cancela a premissa de que o processo de negação da negação das diversas sínteses constituídas na realidade modela o movimento de transição ao novo, de modo que a teoria é válida até o momento em que esta possa dar respostas práticas para a realidade. Como a realidade é transitória e se altera, a teoria deve reanalizá-la e produzir novas formulações.

Compreendemos que o processo revolucionário de outubro não atingiu o seu ápice almejado. Portanto, dessa afirmação, podemos deduzir que a própria teoria histórico-cultural ainda está longe

de atingir o seu ápice, enquanto uma teoria que dá respostas práticas para a constituição de uma sociedade comunista. De acordo com o método histórico-dialético, é necessário refletir sobre suas contribuições, avanços extraordinários e limites de suas formulações e experiência histórica no processo de organização das lutas políticas, econômicas e teóricas, as quais possuem sempre a finalidade de dar vida novamente ao processo de transição para uma sociedade para além do capital.

Referências

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O Que Fazer?** As questões pertinentes do nosso movimento. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** Tradução Maria Helena Barreiro Alves, 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Supervisão editorial, Leandro Konder; Tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SHUARE, Marta. **La Psicologia Soviética tal como la Veo.** Moscú: Progreso, 1990.

TROTSKI, Leon. **A Revolução de Outubro.** Tradução: Daniela Jinkings - São Paulo, Ed. Boitempo, 2007.

TOLEDO, Cecília. A Revolução Russa e a cultura. In: **Marxismo Vivo:** Revista de Teoria e Política Internacional. Nº 16, 2007.